

gresso; a felicidade se encontra no avanço gradual do Espírito para a perfeição absoluta.

Os Espíritos adiantados encontram a sua felicidade na prática do bem; êles são animados pelo espírito do amor divino.

Não se comprazem na ociosidade e não cessam, nos seus esforços, de aumentar o seu saber intelectual e moral. As paixões e as necessidades desaparecem com o corpo; o Espírito passa então a uma vida de pureza, de progresso e de amor, e isso para êle é o céu. Não conhecemos outro inferno senão aquele que é nutrido na alma pelo fogo das paixões e pelas inclinações viciosas; êsse fogo é ativado pelas dôres do remorso e angústias do mal feito, pelas penas que carregam a consciência em nome dos malefícios passados.

Para sair dêsse inferno, é preciso fazer novo caminho e cultivar as qualidades que produzem bons frutos pela prática da justiça, do amor e do conhecimento de Deus.

Podemos resumir os deveres do homem, considerado como sêr espiritual, na simples palavra o *progresso*, isto é, conhecimento de si mesmo e de tudo que tende ao desenvolvimento espiritual do *eu* conciente.

O dever do homem, considerado como sêr intelectual (tendo o raciocínio e o entendimento), se resume na palavra *cultura*. Essas faculdades cultivadas, não em uma só direção, mas em todas as suas ramificações, não têm somente um desenvolvimento para as coisas terrestres, mas servem-nos também para um progresso maior e sem fim, através da eternidade.

O dever do homem para consigo mesmo, como Espírito incarnado em um corpo material, é procurar obter a pureza; pureza em pensamentos, em palavras e em atos. Nessas três palavras pois, *progresso*, *cultura* e *pureza*, se resumem os deveres do homem, como sêr espiritual, intelectual e corporal."

A. RUSSELL WALLACE.

TESTEMUNHO DE VICTORIEN SARDOU

Membro da Academia Francesa

(Publicado no *Gaulois* de 4 de Dezembro de 1888)

Meu caro Ram-Bauld: — Há 40 anos que observo como curioso os fenômenos que, sob os nomes de magnetismo, sonambulismo, êxtase, segunda vista, etc., davam em minha mocidade motivo ao riso dos sábios.

Quando eu me arriscava a dar-lhes parte de alguma experiência em que o meu cepticismo cedia á evidência, que explosão de chacota!

Ainda me parece ouvir as risadas de um velho doutor, meu amigo, a quem falei de uma jovem que caía em catalepsia por passes magnéticos.

Ela ouvia tiros de espingarda, e sentia um ferro em braza queimar-lhe a nuca.

"Qual! me respondia o homem. As mulheres são tão enganadoras!..."

Ora, todos êsses fatos sistematicamente negados na-quele tempo, são hoje aceitos e afirmados pelos mesmos que os qualificavam de feitiçaria. Não há dia em que algum jovem sábio não me traga novidades que eu já conhecia antes que êle tivesse nascido.

Só há mudança no nome. Não é o *magnetismo*, palavra que deve soar mal aos que o ridicularisam: é o *hipnotismo*, a *sugestão*, designação que tem maior força.

Adotando-se os novos termos, dá-se a entender que o magnetismo era realmente uma mistificação, que foi

esmagado, merecendo a ciência oficial, por essa razão, o nosso reconhecimento.

Ela nos livrou de tal peste e, em troca, nos deu uma verdade científica: o hipnotismo, que entretanto é a mesma coisa.

Eu citava, um dia, a um habilíssimo cirurgião, o fato, hoje bem conhecido, da insensibilidade produzida em certas pessoas que olham fixamente para um espelho, ou para um corpo brilhante, de modo a provocar o estrabismo, e essa revelação foi recebida com ridículo e zombaria como um *espelho mágico*.

Passaram os anos, e o mesmo cirurgião, vindo almoçar comigo, desculpa-se da demora por ter tido necessidade de arrancar um dente a uma jovem muito nervosa e tímida.

"Eu, disse-me êle, tentei sôbre ela uma experiência nova e muito curiosa: por meio de um espelho metálico, fí-la dormir tão completamente, que pude extrair o dente sem que ela o sentisse."

A isso redargui: Perdão; mas eu fui quem primeiro assinalou êsse fato, e vós metestê-lo a ridículo!

Desmantelado a princípio, o meu homem conquistou depressa a calma.

"É certo, respondeu: mas vós me falastes de um fato de magia, e êste é de hipnotismo!"

A ciência oficial trata as verdades desconhecidas sempre por êsse modo: depois de repelí-las com escarneo, se apropria delas, mas tem o cuidado de mudarlhes os rótulos.

Enfim, qualquer que seja o nome que lhe dêem, elas têm adquirido o direito de cidade, e, pois que os nossos sábios têm chegado a descobrir, na Salpêtrière, o que todo Paris já teve ocasião de vêr no tempo de Luiz XV, no cemitério Saint-Médard, é de esperar que se dignarão ocupar-se um dia dêsse Espiritismo que jul-

gam morto pelos seus desdêns, porém que jámais gozou de melhor saúde.

Para isso, não terão mais que mudar-lhe o nome, afim de atribuírem a si o mérito de havê-lo descoberto, *depois de todo o mundo*.

Isso não será tão cedo, porque o Espiritismo tem que combater outros inimigos além daquela má vontade.

Tem êle contra si as experiências de salão, meio detestável de fazer investigações, e que só servem para confirmar os cépticos na sua incredulidade, para sugerir engenhosas mistificações, e para inspirar, aos espirituosos, chistosas tolices.

Tem mais que lutar contra os charlatães que fazem Espiritismo á Robert-Houdin, e contra os semi-charlatães, que, dotados de faculdades mediúnicas, não se contentam com elas, e, por vaidade ou por especulação, suprem a insuficiência dos seus meios naturais por meios artificiosos.

Tem principalmente que vencer dois grandes obstáculos: a indiferença de uma geração votada aos prazeres e aos interesses materiais, e a fraqueza de character, cada vez mais acentuada, em um país onde ninguém tem mais a coragem das suas opiniões, preocupando-se com a do vizinho, e só permitindo a si próprio adotar uma quando sabe que essa é a de todo o mundo.

Em qualquer matéria: artes, letras, política, ciências, etc., o que alguém teme mais é passar por ingênuo, por crente em qualquer coisa, ou por um entusiasta, tão inconciente, que tudo lhe causa admiração!

O homem mais sinceramente tocado por uma bela palavra e por uma bela obra, se vir que um céptico sorri, não vacila em zombar do que ia aplaudir, afim de dar uma prova de que não é menos perspicaz que os outros, e de que é muito esclarecido, pois que não é qualquer coisa que o satisfaz.

Como poderiam homens tão adstritos ás opiniões

dos outros, embora convencidos da realidade das manifestações espíritas, pelas mais decisivas provas, ousar confessá-lo em público, e confessá-lo neste século sem fé, depois de Voltaire, depois de Proudomme? Como poderiam afrontar a indignação e a terrível apóstrofe que sôa aos ouvidos: Então, senhor! o senhor também acredita no sobrenatural?

— Não. Eu não admito o sobrenatural, é logo a resposta.

Qualquer fato só se dá por efeito de uma lei natural, e portanto é natural.

Negar *à priori*, sem exame, sob pretexto de que a lei produtora não existe, porque não é conhecida, contestar a realidade do fato, porque êle não entra na ordem dos fatos estabelecidos e das leis conhecidas, é erro de espírito mal equilibrado, que julga conhecer todas as leis da natureza.

O sábio que tiver essa pretensão, não passa de um pobre homem!

Onde o espero, é no exame sério dos fatos, quando fôr êle forçado a chegar aí.

Prometo-lhe então algumas surpresas.

Victorien Sardou.

INFALIBILIDADE DO PAPA

DISCURSO PRONUNCIADO NO CELEBRE CONCÍLIO
DE 1870 PELO

Bispo Strossmayer

Veneráveis padres e irmãos:

Não sem temor, porém com uma consciência livre e tranquila, ante Deus que nos julga, tomo a palavra nesta augusta assembléia.

Prestei toda a minha atenção aos discursos que se pronunciaram nesta sala, e aneeio por um raio de luz que, descendo de cima, ilumine a minha inteligência e me permita votar os canones dêste Concílio Ecumênico com perfeito conhecimento de causa.

Compenetrado da minha responsabilidade, pela qual Deus me pedirá contas, estudei com a mais escrupulosa atenção os escritos do Antigo e do Novo Testamento, e interroguei êsses veneráveis monumentos da Verdade: se o pontífice que preside aqui é verdadeiramente o sucessor de São Pedro, vigário do Cristo e infalível doutor da Igreja.

Transportei-me aos tempos em que ainda não existiam o ultramontanismo e o galicanismo, em que a Igreja tinha por doutores: S. Paulo, S. Pedro, S. Tiago e S. João, aos quais não se pôde negar a autoridade divina, sem pôr em dúvida o que a santa Bíblia nos ensina, santa Bíblia que o Concílio de Trento proclamou